



U N I V E R S I D A D E
LUSÓFONA

Centro Universitário Do Porto
Faculdade De Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado Integrado em Arquitetura

O desenho de um parque e a sua integração na cidade do Porto

Dissertação apresentada a provas públicas para a obtenção de grau Mestre em
Arquitetura, desenvolvida sob a Orientação de: **Professor Doutor Vítor**
Manuel Araújo de Oliveira

Sarah Christiane Medeiros Moreira

Porto, Portugal
Julho 2024



U N I V E R S I D A D E
LUSÓFONA

Centro Universitário Do Porto
Faculdade De Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação
Mestrado Integrado em Arquitetura

O desenho de um parque e a sua integração na cidade do Porto

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário do Porto no dia 04 /11/2024, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação N° 971 /2024, de 11 outubro, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Arquiteto Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho

Arguente: Professora Doutora Ana Cláudia Pereira Monteiro

Orientador: Professor Doutor Vítor Manuel Araújo de Oliveira

Sarah Christiane Medeiros Moreira

Porto, Portugal
Julho 2024

*“Existem poucas, bem poucas coisas pelas quais
vale a pena viver e morrer.
O amor é uma delas.”
Raphael Draccon*

*À minha família, por me ensinar que lar não é um
espaço físico e que amar está nos pequenos gestos.*

Agradecimentos

Primeiramente, eu agradeço aos meus pais, Adda e Daniel, por abraçarem e me apoiarem em todos os meus sonhos, mesmo que o sonho envolva mudar de continente e morar longe. Agradeço à minha irmã, Maria Clara, por sempre ser um ombro amigo, estar presente em todos os momentos para acalmar, assegurar e me aconselhar durante todo o processo. Agradeço também à minha família por sempre torcer pelo meu sucesso, mesmo à distância, sempre se mostrando presentes e fazendo me sentir querida. Agradeço à minha avó, Nirvanda, por ser um exemplo, um porto seguro e sempre demonstrar carinho e afeto, exaltando sua saudade e o orgulho pela minha jornada. Vocês me fizeram quem eu sou e eu não seria nada sem vocês. Nossas ligações semanais me fazem muito feliz.

Agradeço ao meu namorado, Gabriel, por ser meu parceiro de vida e estar comigo durante todos os momentos, bons e ruins, dessa jornada acadêmica e pela paciência de me acompanhar e tirar todas as fotos presentes nessa dissertação, sempre se fazendo presente até nas noites que fiquei sem dormir.

Agradeço a todos os meus amigos, os de longe e os de perto, por serem quem são, me apoiarem e me ajudarem na coisa mais simples até a mais complexa decisão, vocês fizeram parte da minha caminhada. Agradeço às minhas amigas arquitetas Vitória e Victória, pelas nossas conversas sobre o meu tema e os auxílios no decorrer de todo esse processo. Aos meus amigos/irmãos, obrigada por serem quem são e por sempre mostrarem o seu apoio, nomes não serão necessários, vocês sabem quem são.

Quero agradecer aos meus colegas da faculdade, por caminharem essa jornada comigo, tentando sempre manter o bom astral e o apoio mútuo para conseguirmos chegar onde estamos. Finalmente estamos nos formando. Por causa de vocês, consegui finalizar esse ciclo me sentindo grata e relaxada de que no final, tudo deu certo. Quero agradecer, também, à minha psicóloga, Jéssica, que me auxiliou durante esses os últimos anos, me orientando a conciliar e enfrentar todas as dificuldades.

Por fim, quero agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Vítor Oliveira, pela sua confiança e segurança mesmo nos momentos em que mais duvidei de mim, pela sua orientação excelente e por ser um educador exemplar, se tornando para mim, um exemplo a seguir na minha carreira profissional.

Resumo

Esta dissertação aborda, dentro dos limites de uma unidade curricular num mestrado integrado de arquitectura, a importância do paisagismo na transformação da cidade, tendo um foco específico na cidade do Porto, em Portugal. O estudo explora a concepção de parques urbanos como elementos fundamentais para a transformação da paisagem e para as dinâmicas urbanas, destacando a necessidade de compreender a relação entre a forma urbana, o paisagismo e a comunidade. Ao longo da formação de um estudante de arquitectura, a multidisciplinariedade é enfatizada, considerando a integração de diferentes áreas do conhecimento para a criação de soluções inovadoras.

A pesquisa inclui uma breve fundamentação teórica bem como a análise de casos de estudo no suporte do projeto de um parque urbano. Acessibilidade, conectividade e sustentabilidade são preocupações fundamentais. A análise é assim fundamentada em estudos detalhados sobre o Parque da Cidade e o Parque de Serralves, abordando aspectos como limites, estrutura, caminhos e uso do espaço, com o objetivo de desenvolver propostas para a integração de áreas verdes na cidade do Porto.

Finalmente, após a fundamentação teórica e um processo de coleta de informações, é desenvolvida a solução para o projeto do Parque do Complexo D'Ouro. A abordagem adotada inclui a revitalização de estruturas existentes e um processo de modelagem do terreno, levando em consideração a topografia para promover acessibilidade e conectividade. O objetivo é criar espaços inclusivos e fluidos para a comunidade. Esta dissertação enfatiza a importância de entender o parque não apenas como uma obra arquitetônica, mas como um elemento crucial para a interação entre fauna, flora e comunidade, promovendo a biodiversidade e o equilíbrio ambiental. Nesse sentido apresenta-se uma proposta de viabilização para a integração do parque numa estrutura verde mais abrangente.

O planeamento paisagístico e uma arquitetura integrada são essenciais para o desenvolvimento urbano sustentável. A proposta do Complexo D'Ouro oferece uma contribuição significativa para a requalificação do espaço urbano no Porto, demonstrando como áreas degradadas podem ser transformadas em espaços vivos e funcionais. Este estudo reafirma a necessidade de continuar investindo em projetos que promovam a sustentabilidade e a qualidade de vida nas cidades, destacando o papel vital dos espaços verdes na construção de um ambiente urbano saudável e equilibrado.

Palavras-Chave: Paisagismo, arquitetura urbana, morfologia urbana, parque, equilíbrio ambiental, arquitetura, urbanismo, sustentabilidade

Abstract

This master's dissertation addresses, within the scope of a course in an integrated master's program in architecture, the importance of landscaping in urban transformation, with a specific focus on the city of Porto, Portugal. The study explores the concept of urban parks as fundamental elements for landscape transformation and urban dynamics, emphasizing the need to understand the relationship between urban form, landscaping, and the community. Throughout an architecture student's education, multidisciplinary is emphasized, considering the integration of various fields of knowledge to create innovative solutions.

The research includes a robust theoretical foundation as well as case studies analyzing the design of an urban park. Accessibility, connectivity, and sustainability are fundamental concerns. The analysis is thus grounded in detailed studies of City's Park and Serralves's Park, addressing aspects such as boundaries, structure, pathways, and space usage, aiming to develop proposals for integrating green areas into the city of Porto.

Finally, after theoretical groundwork and a meticulous process of information gathering, the solution for the Complex D'Ouro Park project is developed. The approach includes revitalizing existing structures and terrain modeling, considering topography to promote accessibility and connectivity. The goal is to create inclusive and fluid spaces for the community. This dissertation emphasizes the importance of understanding the park not just as an architectural work, but as a crucial element for interaction between wildlife, flora, and the community, promoting biodiversity and environmental balance. In this sense, a proposal is presented for integrating the park into a broader green structure.

Landscape planning and integrated architecture are essential for sustainable urban development. The proposal for Complex D'Ouro makes a significant contribution to the revitalization of urban space in Porto, demonstrating how degraded areas can be transformed into vibrant, functional spaces. This study reaffirms the need to continue investing in projects that promote sustainability and quality of life in cities, highlighting the vital role of green spaces in building a healthy and balanced urban environment.

This dissertation addresses, within the scope of a curricular unit in an integrated master's program in architecture, the importance of landscaping in urban transformation, with a specific focus on the city of Porto, Portugal. The study explores the design of urban parks as fundamental elements for landscape transformation and urban dynamics, emphasizing the need to understand the relationship between urban form, landscaping, and community. Throughout an architecture student's education, interdisciplinarity is highlighted, considering the integration of different fields of knowledge to create innovative solutions.

The research includes a brief theoretical framework and the analysis of case studies supporting the design of an urban park. Accessibility, connectivity, and sustainability are key concerns. The analysis is based on detailed studies of Parque da Cidade and Parque de Serralves, addressing aspects such as boundaries, structure, pathways, and spatial use, with the aim of developing proposals for integrating green areas into the city of Porto. The adoption of strategies and reasoning already implemented in the creation of urban green spaces seeks to make these environments more inclusive, functional, and widely used by the community of Porto.

Finally, after the theoretical foundation and a process of data collection, a solution is developed for the Parque do Complex D'Ouro project. The approach includes the revitalization of existing structures and a terrain modeling process that considers topography to promote accessibility and connectivity. The goal is to create inclusive and fluid spaces for the community. This dissertation emphasizes the importance of understanding the park not merely as an architectural work but as a crucial element for the interaction between fauna, flora, and the community, promoting biodiversity and

environmental balance. In this sense, a proposal is presented for the park's integration into a broader green structure.

Landscape planning and integrated architecture are essential for sustainable urban development. The proposal for the Complex D'Ouro makes a significant contribution to the rehabilitation of urban spaces in Porto, demonstrating how degraded areas can be transformed into vibrant and functional spaces. This study reaffirms the need to continue investing in projects that promote sustainability and quality of life in cities, highlighting the vital role of green spaces in building a healthy and balanced urban environment.

Keywords: Landscaping, urban architecture, urban morphology, park, environmental balance, architecture, urbanism, sustainability

Sumário

Agradecimentos	4
Resumo.....	5
Abstract.....	6
1. Introdução	8
2. O Complexo D'Ouro: Estratégia de Concepção.....	9
2.1. Paisagismo como partido arquitetônico	11
3. O Parque da Cidade	14
3.1. Limites	18
3.2. Estrutura do Parque e suas particularidades	22
3.3. Caminhos	25
3.4. Uso do Espaço	26
4. O Parque de Serralves.....	29
4.1. Limites	33
4.2. Estrutura do Parque e suas particularidades	34
4.3. Caminhos.....	39
4.4. Uso do Espaço	41
5. O Complexo D'Ouro: Projeto de Intervenção	44
6. Proposta de Conexão de Espaços Verdes	49
6.1. Referencial Histórico: O Colar de Esmeraldas, Frederick Law Olmsted	49
6.2. A Conexão.....	51
7. Conclusões	54
8. Lista de Figuras	55
Referências Bibliográficas.....	57

1. Introdução

A multidisciplinariedade no processo de formação de um estudante de arquitetura está presente durante todo o percurso acadêmico. Durante o Mestrado, sempre houve um grande interesse na área de urbanismo e na morfologia urbana, o que motivou o desenvolvimento desta dissertação. No decorrer do 5º ano do Mestrado Integrado, surgiu um desafio prático de compreender e desenvolver um parque urbano e o seu papel como elemento modificador da paisagem e como polo importante no funcionamento da cidade.

A presente dissertação se debruça sobre a concepção do Complexo D'Ouro, solução desenvolvida para a disciplina de Projeto V para uma área localizada na freguesia de Lordelo do Ouro na cidade do Porto. O exercício de projetar e desenvolver um parque urbano e um complexo fitness revelou-se um desafio. Optou-se por desenvolver a presente dissertação analisando dois parques no Porto, considerados espaços consolidados e integrados na cidade, tendo como objetivo último relacioná-los com o exercício de Projeto V.

Foram assim estudados o Parque da Cidade e o Parque de Serralves, estruturando a análise nos seguintes pontos: os limites, a estrutura do parque, os caminhos e, por fim, o seu uso. Essas análises fornecem uma base teórica e prática para o desenvolvimento da solução do Complexo D'Ouro. Adicionalmente, explora-se a viabilidade da existência de uma conexão da mancha verde em uma parte da cidade do Porto com a solução de Projeto (que transforma um espaço em desuso em um parque urbano).

A estrutura da dissertação consiste em cinco partes principais, abordando tanto o enquadramento teórico quanto o prático do paisagismo e da arquitetura à escala urbana. Primeiramente, são apresentadas e conceitualizadas algumas temáticas fundamentais do paisagismo como partido arquitetônico e a justificativa da escolha dos casos de estudo. Após essa contextualização teórica, serão apresentados os casos de estudo e as suas análises, e a solução para o Projeto V, com base nas análises concluídas. Finalmente, é desenvolvida a proposta da viabilidade para uma conexão da mancha verde na cidade suportada por um referencial teórico.

2. O Complexo D'Ouro: Estratégia de Concepção

Num contexto urbano diversificado e relativamente consolidado, surgiu a necessidade de repensar, desenvolver e resolver a interação de uma nova proposta com o ambiente circundante. Assim, a solução desenvolvida para a unidade curricular de Projeto V surgiu como uma resposta a este desafio, propondo uma abordagem de estudo, análise e solução arquitetônica capaz de revitalizar áreas em desuso, reabilitar edifícios emblemáticos e realçar a presença verde no território urbano. O terreno em questão está situado na Rua D'Ouro, onde se encontram as Ruínas da Fábrica de Gás e as antigas Torres do Aleixo.



Figura 1: Terreno de Interesse. Fonte: Google Earth

O programa de necessidade definido para Projeto V se desenvolve em três diferentes tipologias:

1. Complexo de Ginásio + Piscinas + Piscina Externa
 - a. Piscina Coberta
 - b. Piscina destinada à aprendizagem
 - c. Piscina destinada à formação

- d. Piscina Lúdica
 - e. Piscina Infantil
 - f. Health Club
 - g. Ginásio
 - h. Bar
 - i. Balneários/Banheiros
 - j. Espaços Complementares
- 2. Restaurante/Bar
 - a. Salão de Refeição
 - b. Recepção
 - c. Banheiros
 - d. Cozinha e Serviços
 - e. Acesso Cliente
 - f. Acesso Funcionários
- 3. Parque Urbano

A proposta do projeto consiste em uma estratégia de reabilitar o existente, revitalizando o edifício da Fábrica de Gás, transformando-o em um centro fitness com piscinas, considerando as devidas modificações para o programa previsto. Adicionalmente, está prevista a construção de um novo edifício para o restaurante e o desenvolvimento de um parque urbano, tirando partido da vegetação existente e otimizando as curvas de nível para tornar a circulação mais eficiente.

A abordagem adotada inclui a demolição de um anexo e a revitalização da estrutura existente para acomodar as diversas instalações necessárias para atividades físicas e de lazer. A suavização da topografia, alcançada pela remoção de muros de contenção, visa promover a acessibilidade e a conectividade em todo o terreno. Ao eliminar barreiras físicas, procura-se fomentar a fluidez do espaço urbano, proporcionando uma experiência mais inclusiva aos cidadãos.

Nesta dissertação, o elemento principal é a concepção e desenvolvimento do Parque Urbano, tendo como objetivo fundamental transformar um espaço em desuso e reabilitá-lo em prol da apropriação do espaço pela população. O principal interesse será desenvolver um parque urbano que resolva a circulação e o uso desse espaço de maneira confortável e segura.

Durante o meu processo de concepção de projeto, o maior obstáculo encontrado foi *sair da posição de arquiteto* e tentar compreender o parque como um *arquiteto paisagista*. O exercício de desenhar e criar um parque que possa ser usado pela comunidade foi a maior prioridade. Assim, algumas estratégias foram pensadas para esse objetivo.

Com o intuito de entender como projetar um parque, analisam-se dois casos de estudo no Porto, considerando por um lado a proximidade do terreno aos dois casos e, por outro lado, as diferentes linguagens paisagísticas presentes nestes casos. Desse modo, como estudante finalista de arquitetura, realizo um exercício de análise e pesquisa para compreender os elementos necessários e que devem ser levados em consideração no momento de desenvolvimento do projeto. Para a presente dissertação, são considerados alguns conceitos da Teoria do Paisagismo para uma análise completa dos Casos de Estudos.



Figura 2: Casos de Estudo + Projeto V. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

2.1. Paisagismo como partido arquitetônico

“Definimos Paisagismo como um processo consciente de manejo, planejamento e recriação física da paisagem, e que se utiliza de princípios artísticos na construção de ambientes e cenários em qualquer escala de atuação, postura essa tradicionalmente aceita e reproduzida no meio acadêmico” (Niemeyer, 2019, p. 126).

O paisagismo possui uma extensa história que se entrelaça com a evolução da sociedade e suas relações com o ambiente natural. Segundo Niemeyer, o paisagismo se torna um elemento essencial no planejamento arquitetônico, indicando diretrizes específicas para ordenar o espaço exterior em relação ao utilizador, independente da escala (Niemeyer, 2019).

Suas raízes históricas remontam às civilizações antigas, nas quais os espaços verdes já refletiam as estéticas e as técnicas dos povos. Nesse contexto, fazendo um recorte para o Renascimento, a partir do século XV, duas vertentes protagonizaram o estilo paisagístico europeu. O Estilo Francês, conhecido pelo seu classicismo, manteve a axialidade e a formalidade e, com a influência do Barroco, buscou a grandiosidade e a monumentalidade em seus exemplares, tendo como exemplo o Jardim do Palácio de Versalhes (1688) de autoria de André Le Nôtre (1613-1700).

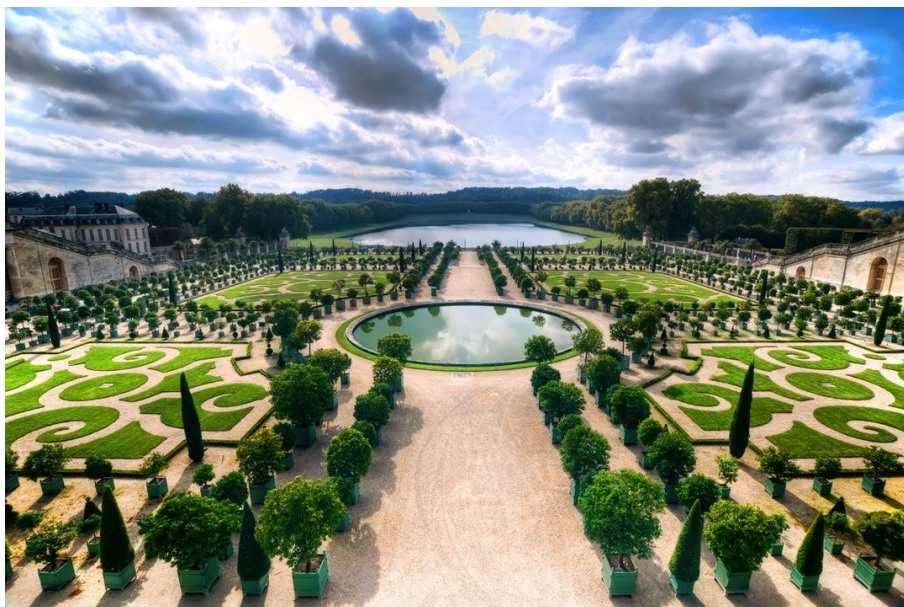


Figura 3: Orangerie Jardim de Versalhes. Fonte: Versailles Palace-Tickets.

Em contrapartida, o Estilo Inglês, ou paisagístico, tem como principal característica a informalidade e a negação dos elementos ordenados. A procura pelo *pitoresco*, a valorização da natureza e um traçado orgânico eram seus principais elementos, além da quase mimetização intencional do espaço natural com uma paisagem artificial. Um dos seus exemplares mais famosos é o Parque de *Rousham*, de autoria do arquiteto William Kent (1685-1748).



Figura 4: Jardim de Rousham. Fonte: Galeria Rousham Gardens

Na dissertação, foram escolhidos dois casos de estudo, com o objetivo de compreender seus principais elementos, estrutura e complexidade. Além disso, são definidos parâmetros a serem considerados nos momentos da análise para uma melhor organização. A escolha dos casos de estudo se deu considerando as duas vertentes de

estilos paisagísticos definidos anteriormente, havendo uma diversidade estilística, e a proximidade geográfica dos casos de estudo com o terreno de projeto.

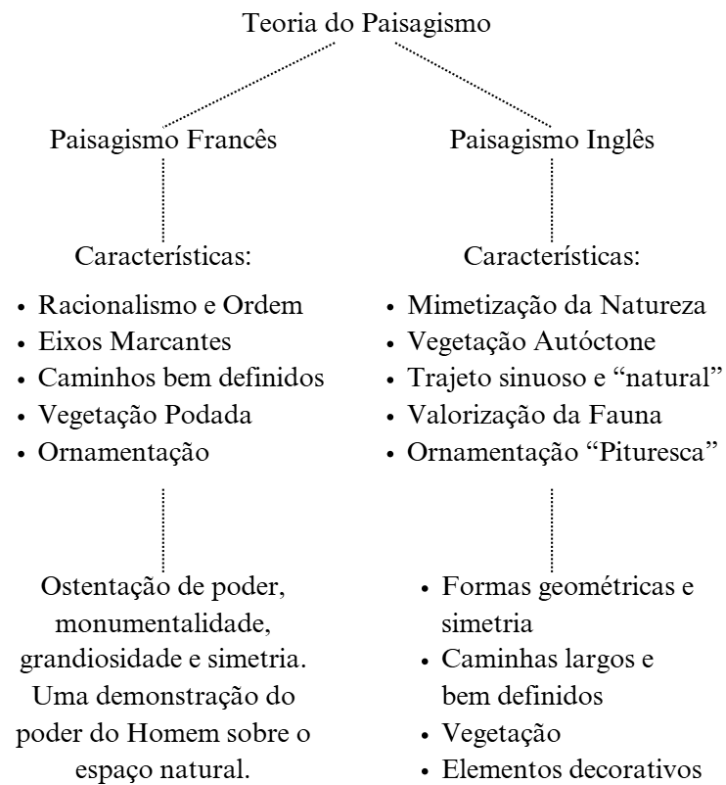


Figura 5: Mapa Mental Teoria do Paisagismo. Fonte: Acervo Pessoal a Autora.

3. O Parque da Cidade

“O Parque da cidade conquistou um lugar entre as obras identitárias do Porto, integrando-se no universo dos valores que a população estima e dos espaços que gostamos de ter e de utilizar”¹

Historicamente, o interesse por um parque urbano na cidade do Porto remete ao Século XX, período no qual o Dr. Augusto Sousa Rosa (1871-1939), antigo vereador da Câmara Municipal do Porto (CMP), apresentou a ideia de uma definição territorial para a área em que hoje se encontra o Parque da Cidade. A área utilizada para a obra apresentava-se como um espaço degradado, “ocupado por um mosaico de lameiros, campos de sementeira abandonados, um choupal plantado nos anos trinta, uma mancha de pinhal, uma lixeira a céu aberto e ainda edifícios de um núcleo rural em estado de quase ruína”.²

No início da década de 80, especificamente em 1981, o Arq. Artur Andrade (1913-2005), até então vereador da CMP, sustentou a necessidade de iniciar os estudos para a concretização do projeto que hoje é conhecido como o Parque da Cidade. A área destinada foi a zona de Aldoar, designada no Plano Director da Cidade de 1961. Localizado numa área no extremo noroeste do Porto e possuindo cerca de 80 hectares, o território é caracterizada pela sua acessibilidade, entre a Avenida da Boavista, a Estrada da Circunvalação e a proximidade com o Castelo do Queijo. O parque é considerado um património da cidade do Porto e é reconhecido como uma obra de arte de arquitetura paisagista.

O Parque foi inaugurado em 1993, sendo o projeto coordenado pelo Arq. Paisagista Sidónio Pardal (1947-). Além disso, em 2002, houve a primeira expansão com a construção da frente marítima, com a intervenção prevista pelo Arq. Manuel de Solà-Morales (1939-2012) e o avanço do projeto desenvolvido por Sidónio Pardal.

Em seu processo, Sidónio Pardal teve que ultrapassar alguns obstáculos. Durante um período de mais de uma década, a equipe responsável desenvolveu uma série de análises, estudos e planejamentos para possibilitar a concretização desse projeto. O seu exercício demandou a constante presença da equipe responsável, além do plano geral e da pormenorização, sendo necessárias modificações e decisões *in loco*. “*O projecto formal tem um carácter auxiliar e orientador de um processo conceptual dinâmico, que decorre ao longo da realização da obra e que vai sendo influenciado pelos resultados, à medida que estes vão sendo configurados como paisagem real.*” (Pardal, 2006).

Desse modo, a execução do parque aconteceu em duas fases principais: a primeira sendo o momento de coleta de informação, estudo e desenvolvimento de um plano de execução, caracterizado anteriormente; a segunda sendo, principalmente, o processo da modelagem do espaço e a tomada de decisões no terreno, no qual houve uma transformação profunda no território, desde a topografia até a criação dos corpos hídricos.

De acordo com o arquiteto, “*A raridade e desabituação de se projectarem parques urbanos colocaram-nos, a bem dizer, perante um problema novo*” (Pardal, 2006). Assim, dado o período, questiona-se como foi possível criar um espaço mundialmente consagrado e considerado uma “obra identitária do Porto”, em uma cidade na qual a definição de zonas verdes era um conceito confuso e sem muita profundidade em sua importância.

¹ Discurso presente no Prefácio de Álvaro Castello-Branco no livro Parque da Cidade do Porto - Ideia e Paisagem, publicado em 2006.

² Revista “Parque da Cidade: Um Éden de Bolso”, feita para a exposição “O Parque da Cidade”, em 2016.

A compreensão de certos fundamentos paisagísticos se fez necessário no decorrer desse estudo, mais especificamente, algumas teorias da Escola Paisagista Inglesa³ e conceitos de Pückler (1785-1871), teórico paisagista alemão que enfatizou a ideia de que os parques deveria ser espaços esteticamente agradáveis e emocionalmente envolventes.

Nesse contexto, um dos principais conceitos definidos pelo alemão foi o processo de desenho pragmático, na qual o teórico realça a necessidade do arquiteto paisagista de haver uma liberdade na obra, com o desprendimento do papel. O ato de desenhar e planejar no espaço real, *in situ*, foi uma estratégia amplamente utilizada por Sidónio Pardal.

Para caráter de introdução, é importante compreender que existe uma relação de constante movimento entre o paisagismo, o processo de fazer arquitetura e a sua funcionalidade. Segundo Sidónio Pardal, é essencial a compreensão de que o parque não tenta imitar a natureza, a ideia de paisagem é um espaço transformador do território. Portanto, “o parque quer ser uma obra de arquitetura paisagista.”⁴

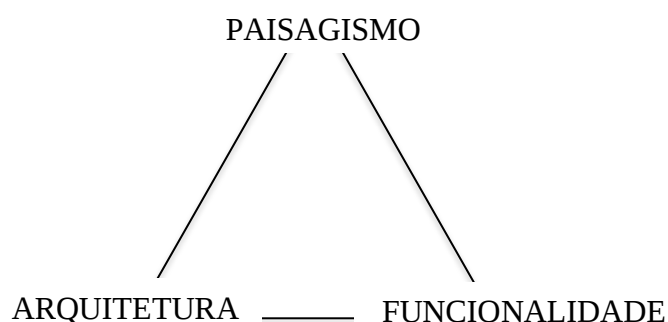


Figura 6: Esquema de relação de conceitos paisagísticos

A presente análise se estrutura numa série de parâmetros com vista a esclarecer a complexidade do projeto do Parque da Cidade, e também, a sua contribuição para o ambiente académico sob o viés paisagístico, arquitetónico e urbano.

A partir desse momento, já é possível compreender o contexto histórico e o processo no qual o Parque foi contextualizado e construído; assim, iremos considerar os seguintes parâmetros para enquadrar as características do Parque da Cidade do Porto. Os parâmetros são os seguintes: Limites, Estrutura do Parque e suas Particularidades, Caminhos, e o Uso do Espaço. Na figura 8, é possível ver uma planta esquematizada do Parque da Cidade, de autoria da CMP, que será usada de auxílio para as análises que serão feitas a seguir.

³ Movimento do Séc. XVIII, caracterizada por uma arquitetura naturalista e pitoresca.

⁴ Trecho retirado de conversa com o Arquiteto Sidónio Pardal, 2024.

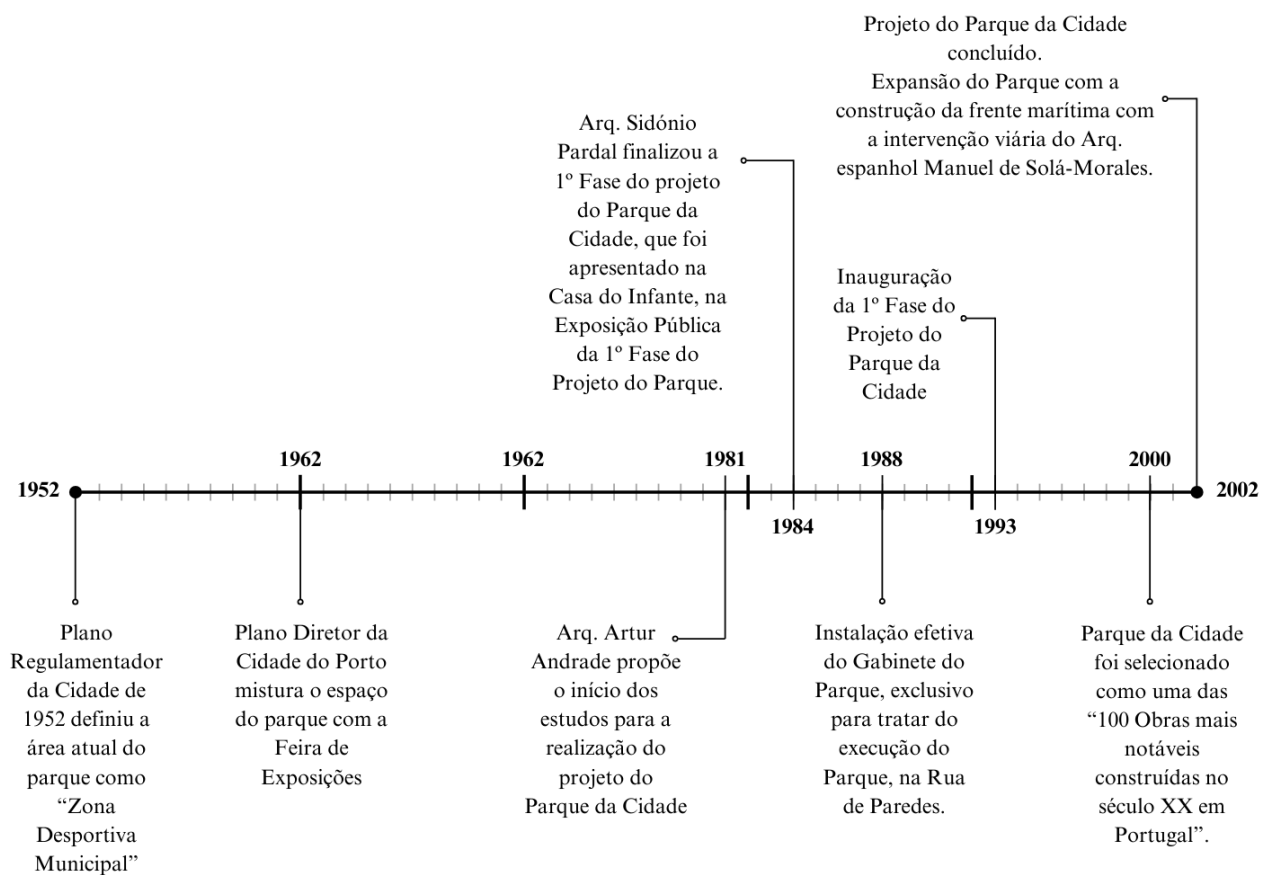


Figura 7: Linha do Tempo Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 8: Planta Parque da Cidade. Fonte: Câmara do Porto

3.1. Limites

Em um entendimento geral, limite define-se como uma separação entre espaços, entre o interior e o exterior, o público e o privado, a construção e o natural, etc. Nesse contexto, serão analisados os limites físicos na área estudada, os elementos circundantes que definem o exterior urbano e o interior do parque, com o objetivo de compreender a frente urbana e a orla marítima que delimitam o espaço estudado.

Assim, o parque é definido pelas seguintes vias: Av. da Boavista, Av. do Parque, Estrada da Circunvalação, com continuação nos fundos dos lotes da Rua da Vilarinha, e Via do Castelo do Queijo, com a frente marítima.

O Parque da Cidade é definido, ao norte, pela Estrada da Circunvalação, um trecho viário movimentado e com bastante circulação de carros e pedestres. Assim, encontra-se presente um dos acessos principais do parque, com a presença de um parque de estacionamento, possibilitando o acesso de viaturas e pedestres.



Figura 9: Entrada Norte da Circunvalação. Fonte: Acervo pessoal da autora.



Figura 10: Entrada Norte da Circunvalação. Fonte: Acervo pessoal da autora.

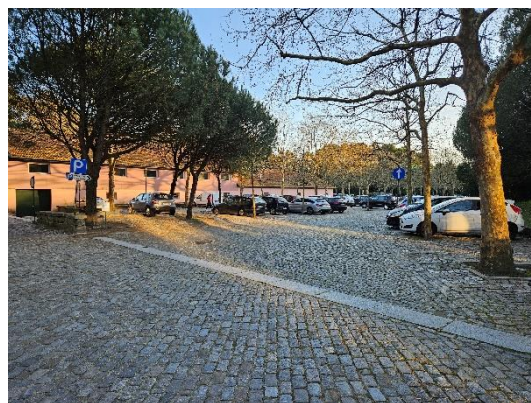


Figura 11: Entrada Norte da Circunvalação. Fonte: Acervo pessoal da autora.

A nascente, o parque é delimitado pela Av. do Parque e pelo Núcleo Rural de Aldoar, área composta por casas unifamiliares, pequenos *negócios* e serviços. Existe um acesso ao parque através do Núcleo Rural, pouco utilizado, e mais duas entradas na Avenida do Parque, delimitadas por um pátio pavimentado, de acesso pedonal, com árvores e um espaço esportivo.

Na continuação desse frente urbana, há uma particularidade. Nesse trecho, a delimitação é feita, além de uma diferença de cota e muretas, estão implantados, em uma pequena área, edifícios com 4 a 5 pisos, delimitando o pátio.



Figura 12: Núcleo Rural. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 13: Entrada de Aldoar. Fonte: Acervo pessoal da Autora.



Figura 14: Diferença de cota à Nascente. Fonte: Entrada das Colunas. Acervo Pessoal da Autora



Figura 15: Frente Urbana nascente. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

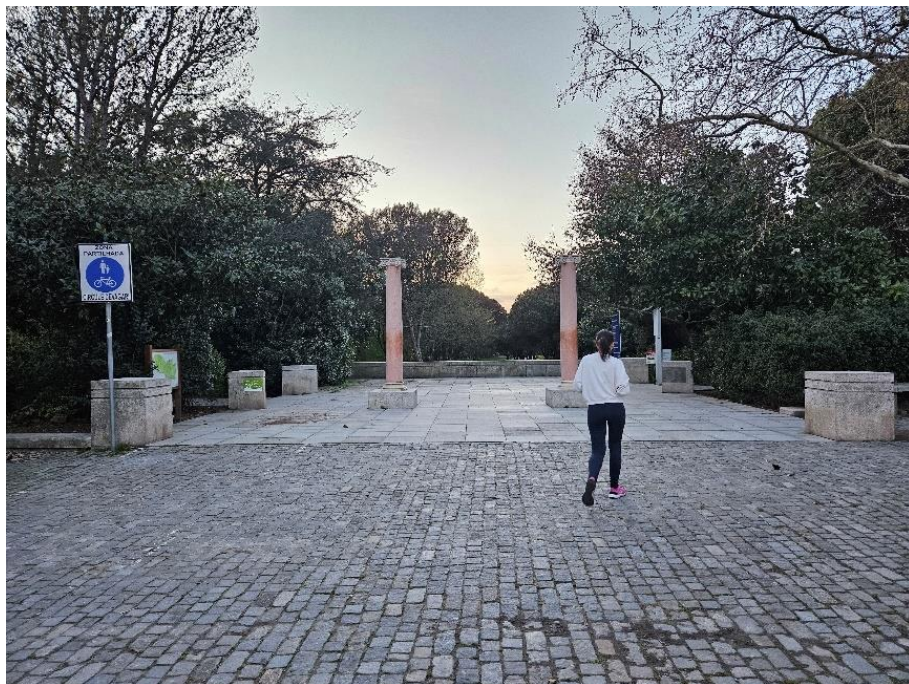


Figura 16: Entrada das Colunas. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

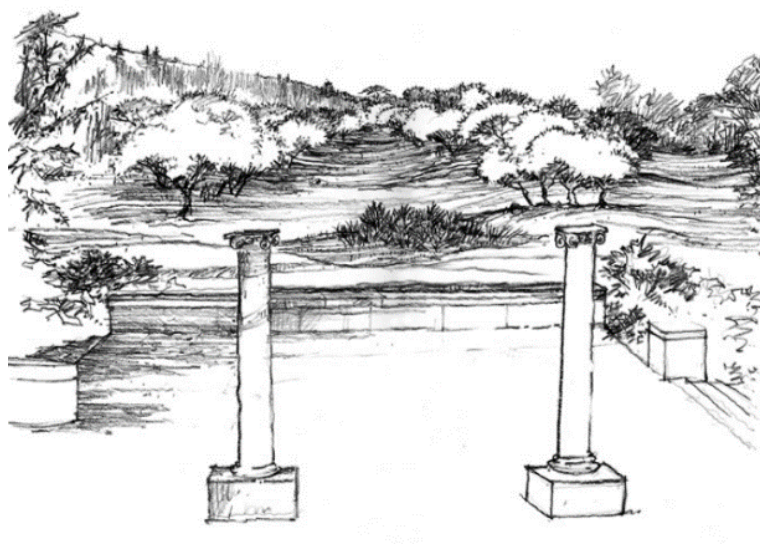


Figura 17: Croqui Entrada das Colunas. Fonte: Guia para a Manutenção do Parque da Cidade (2021).

Do mesmo modo, ao sul, definida pela Avenida da Boavista, outro trecho viário de grande importância para a cidade do Porto, caracterizada pela sua escala e a grande circulação, diariamente, de carros e pedestres. Em quase toda a extensão do limite, o parque é delimitado por um muro de contenção e o talude de isolamento acústico. A delimitação criada pelo muro converge os utentes ao ponto de acesso, a Entrada da Boavista.



Figura 18: Entrada da Boavista. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 19: Muro de Contenção e Talude na Av. da Boavista. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 20: Croqui Muro de Contenção e Talude. Fonte: Guia para a Manutenção do Parque da Cidade (2021).

Por fim, com a expansão do parque em 2002 e a construção da frente marítima, o espaço é definido, a ponte, pela Via do Castelo do Queijo. A ideia foi manter a cota original, desenhando um acesso por baixo da via marginal, um viaduto. Nesse trecho estão presente três acessos que ligam a orla marítima ao parque, garantindo uma fluidez no fluxo dos pedestres.

“Parque e praia encontram-se num espaço urbano de carácter híbrido que procura estender-se ao longo da linha de costa.”⁵

3.2. Estrutura do Parque e suas particularidades

Uma das características mais determinantes do Plano Geral do projeto foi o processo de modelagem do terreno para a sua execução. A estrutura geral se desenvolveu com a criação de três bacias hidrográficas modeladas no terreno. Essa solução de concepção se deve ao fato da preexistência de corpos hídricos que convergem à área do parque (Aldoar, Boavista e Nevogilde).

Desse modo, o estudo dos caminhos já pré-existent das bacias fundamentou essa solução da criação de lagos naturais planejados. Além disso, as zonas ao redor desses lagos possuem características quase planas, com uma topografia suave, criando espaços de lazer e estar.

O processo no qual foram modificadas as características geomorfológicas do terreno se caracterizou pelo uso de aterros e escavações. O uso de estratégias para baratear o processo, aumentando o seu tempo de execução, assim, segundo Pardal (2006), “*o Parque pôde ser modelado com toda a liberdade, dando-se-lhe a forma mais conveniente, sob o ponto de vista da estética da paisagem.*”

“...a expressão do Parque escapa às intencionalidades do projecto e não lhe é cometido qualquer desempenho premeditado que não seja o de oferecer a paisagem como espaço livre descodificado, em contraponto com o corpo da cidade que o envolve.” (Pardal, 2006)

⁵ Trecho retirado do capítulo do livro, O Lugar de Todos. Interpretar o Espaço Público Urbano. De autoria de Nuno Travasso, 2019.



Figura 21: Paisagem Lago I. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Apesar de as áreas puramente naturais estarem presentes em uma área significativa, alguns elementos construídos foram desenvolvidos para complementar e dar uso ao espaço, garantindo a sua utilização em toda a sua extensão. O Parque da Cidade oferece utilização e usufruto para toda a população, sem qualquer distinção, com acesso gratuito e livre.

Em sua totalidade, além dos três lagos principais, o terreno é dividido com áreas esportivas, com quadras e gramados, espaços de clareira para momentos de estar, os caminhos delimitados, muitas zonas verdes para diferentes usos e, além disso, locais com vegetação densa impenetráveis, protagonizando, também, a flora e a fauna presentes. Para Sidónio Pardal, o resultado alcançado deve agregar a totalidade do Parque, evidenciando a importância de cada um dos seus momentos.

De acordo com Pardal (2006), as zonas exploram o orgânico sem uma rigidez de delimitações de usos, sendo o objetivo possibilitar ao visitante as transições graduais de espaços em conjunto com a paisagem. Assim, prevaleceu a liberdade na composição das áreas definidas para diferentes tipologias e atividades. Os momentos proporcionados pela paisagem dependem da posição do observador. O parque convida o expectador a olhar e contemplar o espaço, usufruindo das diferentes paisagens e, além disso, estrategicamente, os pontos nos quais existem momentos singulares, são implantadas as estadias.

Entende-se por estadias, os acontecimentos que quebram a continuidade dos percursos, garantindo momentos de pausa aos visitantes. Essas áreas são caracterizadas por mobiliário fixo, geralmente em pedra, para descanso e contemplação.

O Parque da Cidade convida o visitante a sair do meio urbano, do edificado, da poluição sonora e o atrai a vivenciar a paisagem do parque.



Figura 22: Momentos de Estadia.. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 23: Momentos de Estadia.. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

3.3. Caminhos

“A rede de caminhos, com cerca de oito quilómetros, é uma estrutura importante, embora, quase sempre, intencionalmente secundarizada, o que se pode observar, por exemplo, no facto de nunca se implantarem caminhos próximo das margens dos lagos.” (Pardal, 2006).

Os caminhos possuem traçados curvos, podendo ser arrematados por muretas ou vegetação. A circulação se deu por uma totalidade de oito quilómetros de caminhos e pela movimentação livre no espaço.

O parque respeita a circulação orgânica das pessoas quando prioriza o verde, os espaços de relva, colocando os caminhos delimitados como coadjuvantes. A posição secundária desses trajetos, reafirma o entendimento de que a circulação de pessoas não pode ser feita de modo rígido e contundente, a fluidez do movimento do observador se torna livre e espontânea. Assim, o utente é convidado a abandonar os traçados e caminhar os gramados de maneira lúdica e orgânica. A presença das estadias, ou acontecimentos, quebram a continuidade dos percursos e convidam a parar, a estar, a repousar e a contemplar. (Pardal, 2021)

Devido a escala do parque como um todo, o arquiteto teve que criar estratégias para tornar a movimentação confortável e fluída. Desse modo, para controlar a percepção de distâncias dentro do mesmo, os caminhos foram pensados a serem segmentados, interrompidos por espaços de estar e estadia, trazendo a possibilidade dos visitantes de abandonar os caminhos e passear pelos gramados.

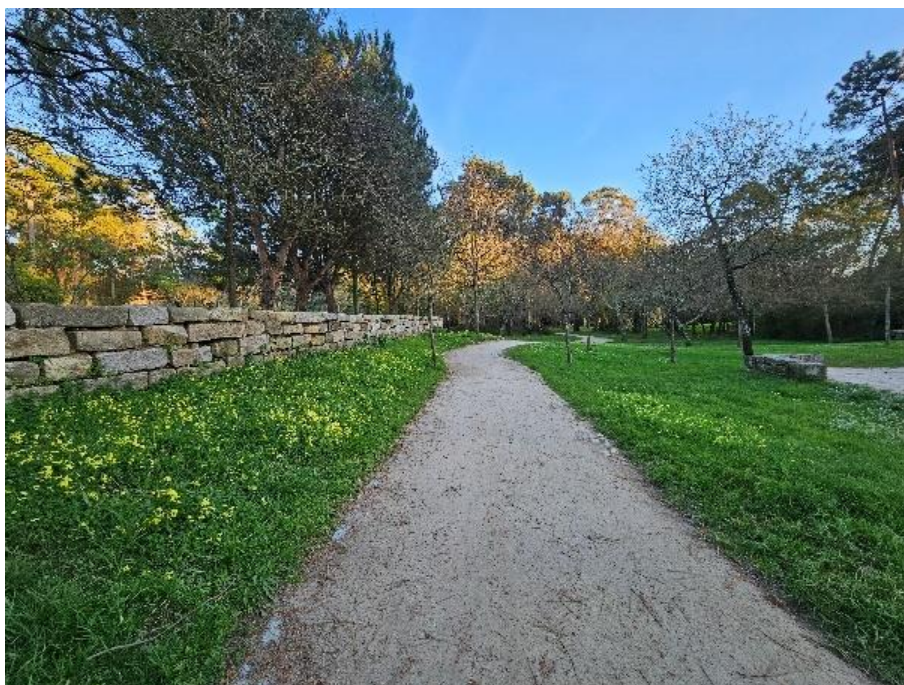


Figura 24: Caminhos do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 25: Caminhos do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

3.4. Uso do Espaço

“Os parques criam uma nova espacialidade dentro do tecido urbano, suscitando novas formas de relacionamento comunicativo entre as pessoas, e contribuem para dar coesão ao corpo social.” (Pardal, 2006).

O Parque da Cidade é conhecido pela circulação diária de centenas de visitantes que usufruem e garantem a sua utilização. Desde a zona esportiva até os espaços de prado e descanso, a comunidade faz uso do espaço em diferentes momentos. Segundo Pardal, um parque é um local de sossego, uma admiração do bucólico e dos espaços naturais. Desse modo, um projeto que considere essas condicionantes, na prática, será utilizado diariamente pela comunidade.

Segundo Pardal (2024), um parque é um espaço completamente “descodificado”, ou seja, o uso se faz pelos seus usuários, *“as pessoas têm que vir ao parque e se sentirem confortáveis, felizes e seguros”, “quanto mais simples e sossegador for, melhor”*.⁶ Desse modo, fica a critério do visitante definir como será feito o uso do espaço, a população participa ativamente da paisagem, tornando possível vê-las nos trechos, nos espaços, contemplando e fazendo uso do local.

Durante as visitas de estudo, foi possível fazer registros fotográficos dos visitantes desfrutando os diferentes momentos proporcionados pelo parque. A indefinição de um uso garantiu uma liberdade de utilização; assim, as pessoas podem praticar esportes, fazer passeios, momento de encontro, contemplação, entre outros. O ato de utilização do espaço pela população garante identidade para o Parque da Cidade, um sentimento de pertencimento.

“É um espaço aberto ao estar, gratuitamente, disponível para todas as pessoas que o visitam, assegurando que o vão encontrar em sossego já que, no parque, evita-se promover o que quer que seja que implique programação e perturbação da quietude e serenidade das paisagens.” (Pardal, 2021)

⁶ Trecho retirado de conversa com o Arq. Sidónio Pardal, 2024.

Além disso, o parque é um espaço suscetível à fatores climáticos, estações do ano e mudanças no decorrer do dia. Assim, a experiência de usuário proporcionada por esses diferentes momentos, torna a sua utilização única e dinâmica. A visita de estudo feita durante o mês de fevereiro, no inverno, e no final da tarde, mostra um perfil de utilização dos utentes que, muito provavelmente, irá mudar em outra estação do ano, outro dia da semana ou até em outro horário do dia.

As soluções apresentadas pelo Arq. Sidónio Pardal foram aclamadas pela comunidade por solucionar e desenvolver um parque urbano, capaz de comportar uma gama variada de usos, respeitando o caráter natural de uma zona verde e garantindo um uso contínuo, no qual o funcionamento diário comporta centenas de visitantes.



Figura 26: Uso do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 27: Uso do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 28: Uso do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

4. O Parque de Serralves

“Serralves, unidade temporal e espacial complexa, cujo caráter, inicialmente de cariz privado, soube alcançar desígnio público, é matéria rica em atributos e significados, sintetizando as transformações da paisagem em que se insere pela sobreposição de valores estéticos, sociais e culturais. Serralves experiencia-se!” (Almeida et al, 2013).

A história do Parque de Serralves inicia-se em 1923, quando Carlos Alberto Cabral (1895-1968), 2º Conde de Vizela, herda a Quinta do Lordelo, parcela com área inferior do território que hoje se conhece até seus atuais 18 hectares.

Depois de uma visita à Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas⁷, Carlos Alberto convidou o arquiteto francês Jacques Gréber (1882-1962) a desenhar um novo jardim.

O projeto, datado de 1932, baseou-se nos estudos do arquiteto português Marques da Silva (1869-1947), caracterizado por um classicismo modernizado com características únicas, influenciados pelo exemplares de paisagismo francês dos séculos XVI e XVII⁸, integrando elementos já existentes, como o lago e as estruturas agrícolas. Em seu modo de projeto, Gréber relacionou diretamente o jardim com os espaços de habitar, criando uma paisagem na qual a Casa dialoga com o exterior, tornando-a elemento principal e o jardim, um complemento.

“A lei dominante é sempre compor o jardim para a casa, da qual ele é o necessário acompanhamento.” (Raymond de Passillé, 1923)

Em seu projeto, Gréber usa as bases do modelo clássico, a monumentalidade, o formalismo e a hierarquização dos espaços, todavia, sem o excesso de decoração. Além disso, usa a topografia, trabalhando com 35 metros de desnível cria-se um conjunto de espaços formais e naturais distintos, integrando a formalidade dos jardins, os bosques e o lago romântico.

⁷ Tradução de *Exposition Internationale de Arts Décoratifs et Industriels Modernes*. A exposição ocorreu em Paris, entre abril e outubro de 1925, e foi um evento importante para o desenvolvimento do Art Déco e para a modernização do design e da arquitetura do século XX.

⁸ O Paisagismo Francês foi uma vertente do paisagismo dos séculos XVI e XVII que, diferente do estilo inglês, o estilo se caracterizava pela sua formalidade e geometria.



Figura 29: Planta Geral dos jardins de Conde de Vizela, de Jacques Gréber (1932). Fonte: Arquivo da Fundação de Serralves

Em torno de 30 anos após Carlos Alberto herdar a propriedade, houve a sua venda para Delfim Ferreira (1888-1960) que, finalmente, vendeu para o Estado Português em 1987. Todo esse processo de compra e venda torna o Parque de Serralves como um

projeto singular que, inicialmente, era de caráter privado para um domínio público. Com a compra pelo Estado Português, se iniciou o processo de intervenções e restauração de todo o complexo para a abertura à sociedade, em 1987, sob a orientação da Arq. Paisagista Teresa Andresen (1957-).

A desenvolvimento do que hoje se conhece como o Parque de Serralves, com todos os seus 18 hectares, se divide em três momentos: o jardim romântico da família Cabral de finais do século XIX da Quinta do Lordelo, o jardim desenhado por Jacques Gréber para a Casa de Serralves, e a nova paisagem criada com o Museu de Arte Contemporânea, de autoria de Álvaro Siza.

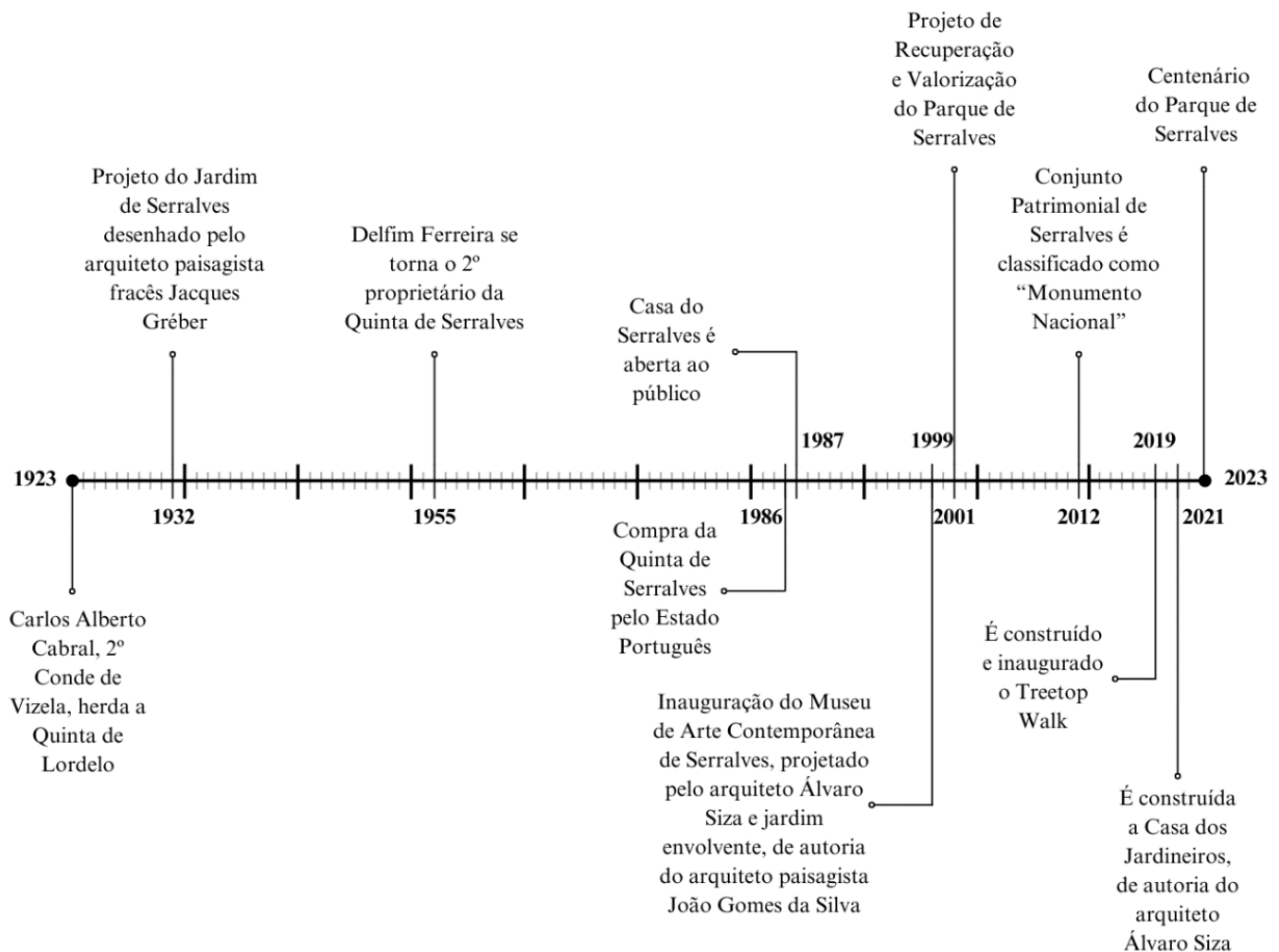


Figura 30: Linha do Tempo Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Ao estudar um complexo como o Serralves, assim como o Parque da Cidade, foi necessário definir um série de parâmetros para compreender a sua contribuição, desse modo, os mesmo elementos que foram analisados para o Parque da Cidade serão discutidos na presente análise. Todavia, é necessário compreender as diferenças funcionais e programáticas que o Parque de Serralves possui, com seus diferentes momentos e uso.

FUNDAÇÃO FUNDAÇÃO



Figura 31: Planta Serralves. Fonte: Câmara do Porto.

4.1. Limites

Nos espaços arquitetônicos, os limites assumem um papel de definir e delimitar um espaço, seja ele interior ou exterior. No caso dos espaços verdes, essas barreiras dependem do caráter do espaço e do funcionamento. Um espaço privado, por exemplo, é voltado para um uso condicionado, o acesso de pessoas se torna restrito e controlado, sendo necessário limites físicos que possam vedar o acesso. Já no caso de um espaço público, essa utilização se torna de livre acesso e circulação.

Desse modo, o complexo do Parque de Serralves é delimitado pelas seguintes vias: Av. do Marechal Gomes da Costa, Rua de Serralves, Rua Dom João de Mascarenhas, Rua 25 de Julho e Rua de Bartolomeu Velho. Além dos limites com as vias, também existem edificações que limitam o espaço, como a Escola Internacional Francesa do Porto, a Escola Básica Leonardo Coimbra Filho e um complexo de edifícios habitacionais multifamiliares.

Diferente do Parque da Cidade, Serralves é um espaço privado que possui fechamentos físicos, portões e muros altos que limitam o livre acesso e condicionam os visitantes ao acesso principal na Marechal Gomes da Costa.

Como explicado, a Fundação de Serralves é um espaço de caráter privado, ou seja, a sua visita tem um acesso controlado e, em quase todas as vezes, pago. Logo, para haver uma visita, é necessário a compra de um bilhete, podendo ser para o complexo inteiro ou apenas para o parque.⁹



Figura 32: Entrada Museu Fundação Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

⁹ A visita ao espaço do Serralves é gratuita no 1º domingo de cada mês, no qual o acesso é livre durante o período da manhã (10:00 – 13:00). Para a presente análise, a visita ocorreu no 1º domingo do mês de abril no ano de 2024.



Figura 33: Limites físicos Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

4.2. Estrutura do Parque e suas particularidades

Em sua totalidade, o Serralves possui um total de 18 hectares, formado por diferentes elementos que se tornam um conjunto de espaços ricos, diversos, dinâmicos e conectados.

Em sua estrutura, o local é formado por diferentes elementos:

- Os jardins da Casa de Serralves: possuindo uma planta de geometria axial, é formado pela Alameda dos Liquidâmbres, os jardins formais, como o *Parterre Central* e o *Parterre Lateral*, o Roseiral, o Jardim do Relógio de Sol, o Campo de Tênis e o Jardim das Camélias.

- Os Bosques: formados pelo Arboreto, Bosque das Faias e Bosque do Lago, possuindo uma espontaneidade que contribuem para a diversidade de ecossistemas.

- Os campos, a Mata e o assento agrícola do Mata-Sete: formado por um espaço de ecossistemas distintos. É nesses espaços que vão ser feitas os momentos de aprendizado e cuidado ambiental, havendo a presença, também, da horta pedagógica.

- Jardim das Aromáticas: O espaço se desenvolve na topografia, com um desenho radial e um estufa no centro.

- Jardim do Museu de Arte Contemporânea: Projetado pelo Arq. Paisagista João Gomes da Silva, o espaço se desenvolve em torno de três espaços, a Clareira das Bétulas, a Clareira dos Teixos e a Clareira das Azinheiras.

- *Treetop Walk*: Esse espaço foi inaugurado em 2019 para celebrar o aniversário de 30 anos da Fundação de Serralves e é um percurso com passadiço a nível da copa das árvores, garantindo um ponto de vista completamente diferenciado dos espaços do complexo. Esse projeto tem a autoria dos Arqs. Carlos Castanheira e Álvaro Siza.

- Casa dos Jardineiros: Projeto de autoria de Álvaro Siza, construído em 2021, é um edifício de multiuso de apoio à área de jardinagem.

Desse modo, o Parque de Serralves oferece aos seus visitantes uma experiência única de imersão na natureza, uma variedade de espaços, com suas particularidades próprias, contribuindo para a riqueza e diversidade do complexo.



Figura 34: Parterre Lartel Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 35: Parterre Central Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 36: Bosque do Lago. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 37: Horta Pedagógica. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 38: Assento Agrícola do Mata-Sete. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

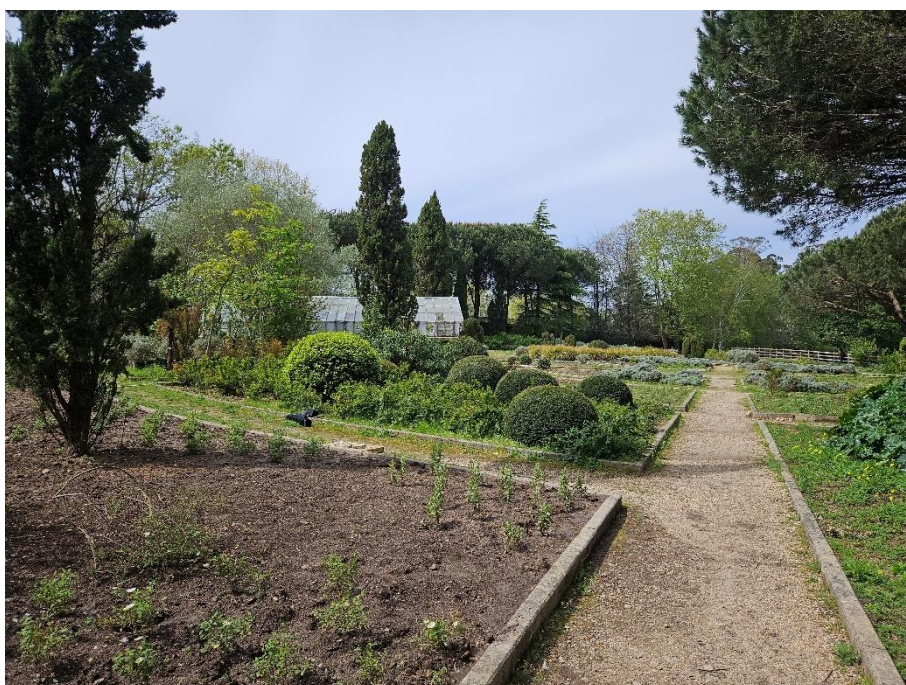


Figura 39: Jardim das Aromáticas. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 40: Jardim do Museu de Arte Contemporânea. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 41: TreeTop Walk. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

4.3. Caminhos

Serralves, em sua totalidade, se desenvolve a partir de uma função bem definida, sendo um espaço de lazer, cenográfico e museológico. Desse modo, diferente do que foi analisado no Parque da Cidade, Serralves possui uma hierarquia mais elevada para os percursos. O complexo tem um fluxo de circulação e caminho bem definidos, sendo priorizados para os visitantes, assim, o passeio feito pelo utilizador inicia no portão de acesso e vai sendo desenvolvido nos caminhos já definidos.

Ademais, ao longo dos diversos percursos que se desenvolvem na totalidade do parque, estão espalhadas diversas obras de renomados artistas, unindo a arte com a natureza ao redor. Em cada curva, cruzamento e momento de estar, os visitantes se deparam com esculturas, instalações e intervenções artísticas que dialogam com o espaço natural, convidando-os a experienciar e vivenciar a relação do homem com o meio ambiente.

E, finalmente, além dos percursos a nível do solo, há também a *TreeTop Walk*, inaugurada em 2019, na qual foi criado um passadiço, ao nível das copas das árvores, mudando completamente o ponto de vista do visitante e, desse modo, sua experiência de visita.

Em resumo, existem diversas particularidades e diferenças entre os percursos desse parque e do anterior; todavia, a sua individualidade e as suas diferenças tornam uma análise cada vez mais complexa e especializada. No que se refere aos percursos, Serralves convida os visitantes a experienciar o espaço no sentido físico, emocional e sensorial, garantindo uma experiência de visita, única, sensorial e dinâmica.



Figura 42: Caminhos por Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

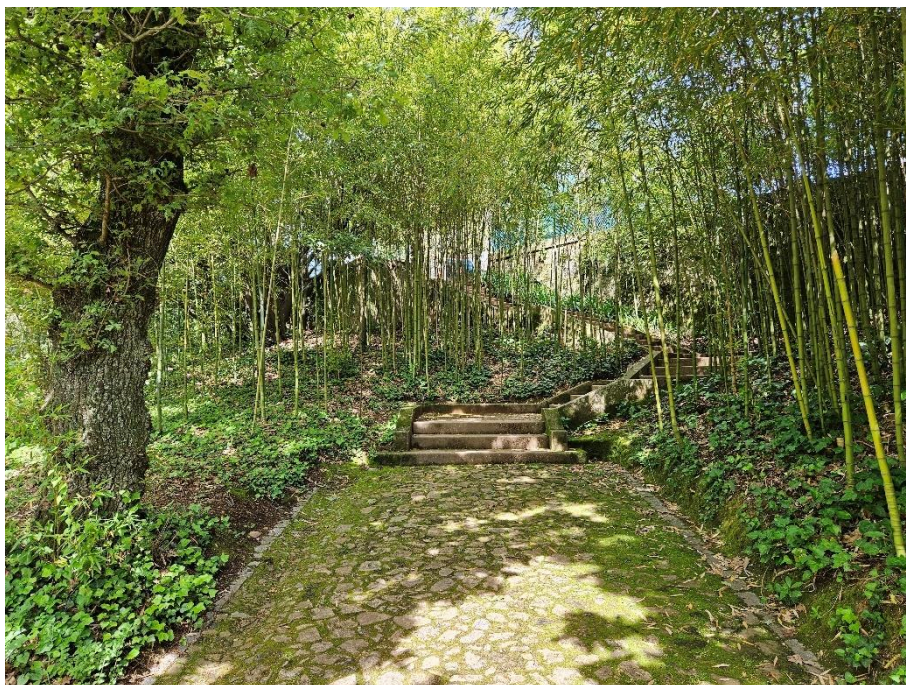


Figura 43: Caminhos por Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

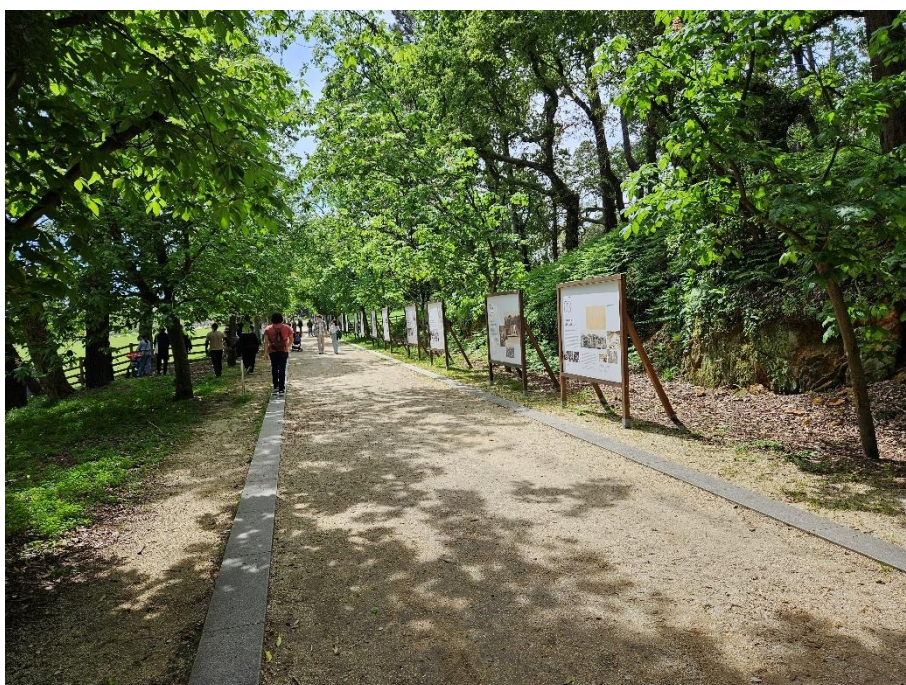


Figura 44: Caminhos por Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

4.4. Uso do Espaço

O Parque de Serralves além de um espaço multidisciplinar, com diferentes funções e usos, em seu processo de inclusão de diferentes segmentos da sociedade portuense, se tornou, até os dias de hoje, palco de eventos de grande importância e visibilidade.

Além de eventos como Serralves em Festa, Jazz no Parque e Festa de Outono, o espaço também possui eventos educacionais e pedagógicos como o Dia do Ambiente, a Semana da Diversidade e a BioBlitz. Além dessa programação diversificada e dinâmica, o espaço ainda acolhe diferentes coletâneas de obras de artistas contemporâneos, tanto no Museu de Arte Contemporânea como nos arredores do parque.

Durante a visita de estudo, foi possível registrar as pessoas usufruindo dos espaços e dos diferentes momentos. O seu uso se torna um pouco diferente de um espaço público, com uma limitação de horário de funcionamento e acesso, mas, ainda assim, os visitantes podem utilizar o espaço, fazer passeios, momentos de descanso, de aprendizado, entre outros.

“Tal como todos os espaços verdes humanizados, o Parque de Serralves é um sistema vivo criado pelo homem. Esculpido na paisagem com recurso a materiais inertes, cada um dos espaços que o compõem ganha vida quando é povoado por plantas, as matérias-primas por excelência de todo e qualquer jardim” (Almeida et al, 2013).



Figura 45: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 46: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

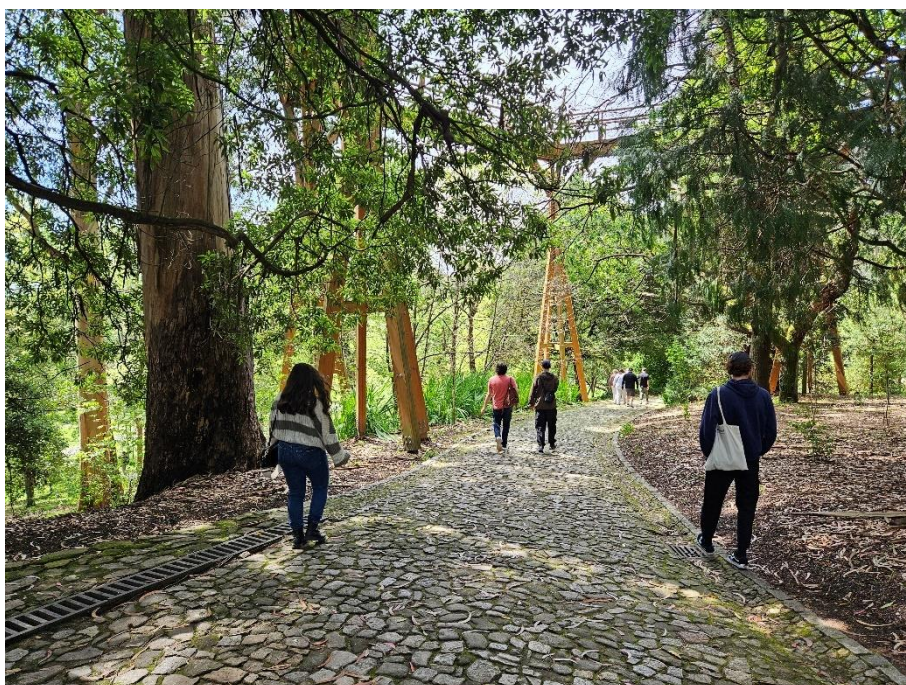


Figura 47: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 48: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

5. O Complexo D'Ouro: Projeto de Intervenção

Ao longo do ano letivo, o processo de projetar envolveu uma série de ciclos e análises que gradualmente amadureceram. O principal desafio foi o desenvolvimento de um projeto para um parque urbano, utilizando como suporte um aprofundado embasamento teórico e a investigação de estudos de caso. O projeto ocorre em um área relativamente consolidada, que já passou por diversas fases construtivas no decorrer dos anos e que hoje se encontra subutilizada. A escolha de um programa diversificado e a introdução de um parque urbano pretendem revitalizar e conferir novo propósito a este espaço. O terreno em questão está localizado na Rua D'Ouro, onde encontramos as ruínas da Fábrica de Gás e as antigas Torres do Aleixo. Este capítulo detalhará o processo desenvolvido para a concepção do Parque Urbano D'Ouro, como parte do projeto final.

De maneira geral, o projeto propõe a reabilitação das estruturas já presentes, especificamente as Ruínas da Fábrica de Gás, que serão transformadas em um centro fitness com piscinas. Além disso, inclui a construção de um novo edifício destinado ao restaurante e o desenvolvimento de um parque urbano. A estratégia aproveita a vegetação existente e otimiza as curvas de nível para melhorar a eficiência da circulação no espaço.



Figura 49: Mapa Terreno Projeto V. Fonte: Google Earth



Figura 50: Painel Final Parque do Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo pessoal da Autora.

A estratégia adotada para o design do Parque do Complexo D'Ouro foi inspirada no estilo naturalista do Parque da Cidade. Isso envolveu a modelagem do terreno para suavizar as curvas de nível existentes, remover muros de contenção e criar caminhos pontuais para facilitar a circulação. O protagonismo do Parque do Complexo D'Ouro está nos espaços verdes, com vegetação abundante e áreas gramadas, onde os caminhos foram concebidos para guiar os movimentos dos usuários, incentivando o uso livre do parque, podendo ser acessados por diferentes momentos da área de intervenção e tendo diferentes caminhos de circulação, deixando à escolha do usuário como utilizar este espaço.

Para lidar com áreas de topografia mais íngreme, estratégias foram implementadas, como o aumento da densidade vegetativa de forma estratégica promovendo a sensação de limite sem a necessidade de barreiras físicas. Em todo o parque, foram planejados espaços de estar para proporcionar aos usuários oportunidades de uso diversificado.

Foram desenvolvidas renderizações do terreno utilizando os softwares *Archicad* e *Twinmotion* para a visualização detalhada da relação entre a topografia, os caminhos, a vegetação e o edificado, proporcionando uma análise visual comparativa com casos de estudo semelhantes.



Figura 51: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 52: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 53: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 54: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 55: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

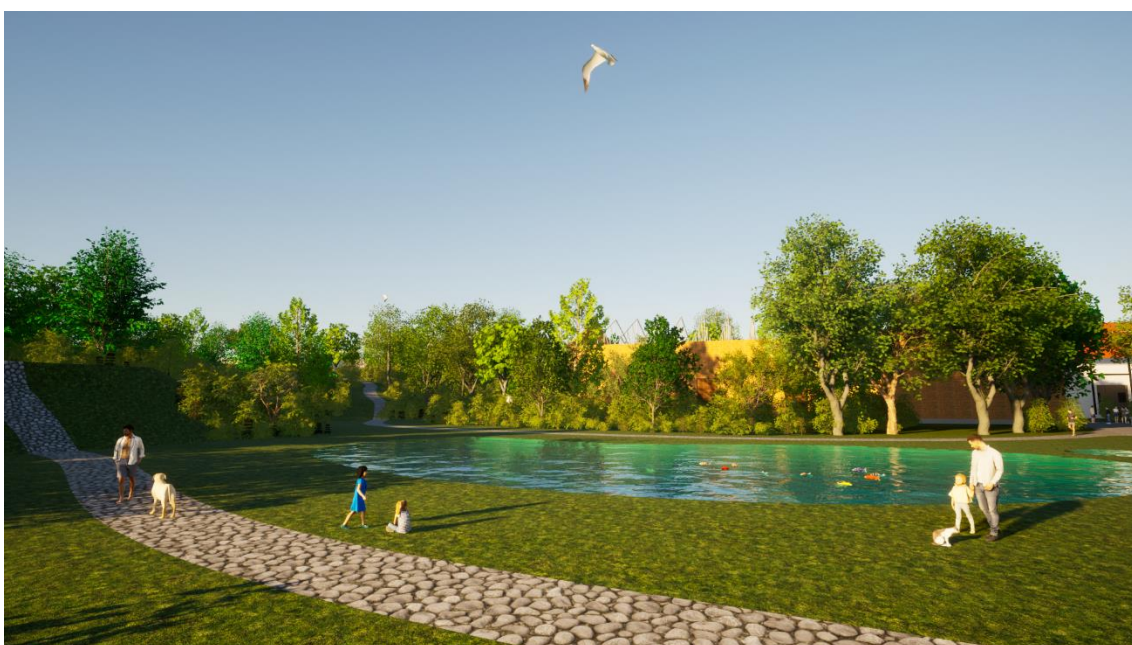


Figura 56: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

6. Proposta de Conexão de Espaços Verdes

6.1. Referencial Histórico: O Colar de Esmeraldas, Frederick Law Olmsted

“Estendendo-se desde *Back Bay* até *Dorchester*, este convidativo espaço verde conecta as pessoas e a natureza, exatamente como o arquiteto paisagista Frederick Law Olmsted pretendia quando o projetou há mais de 100 anos atrás.”¹⁰

Em uma contextualização histórica e teórica, foram estudados algumas figuras importantes no cenário de Arquitetura Paisagística. A presente dissertação prioriza o trabalho desenvolvido pelo arquiteto norte-americano Frederick Law Olmsted (1822-1903). Olmsted é considerado como o pai do paisagismo nos Estados Unidos, e com o seu trabalho se tornou um exemplo e uma referência para as gerações futuras de arquitetos paisagistas. Entre seus mais conhecidos projetos em co-autoria com o seu parceiro Calvert Vaux (1824-1895), estão o *Central Park* (Manhattan, Nova Iorque), o *Prospect Park* (Brooklyn, Nova Iorque) e, o tema de estudo deste subcapítulo, o projeto denominado “Colar de Esmeraldas”, *Emerald Necklace*, desenvolvido entre 1878 e 1896, sendo um dos projetos pioneiros de paisagismos estruturadores de uma cidade.

O projeto “Colar de Esmeraldas” consiste em um sistema de corredores verdes dentro do tecido urbano da cidade de Boston, que interliga parques e áreas verdes. Considerado por muitos paisagistas como uma referência de arquitetura modificadora da paisagem, a intervenção de Olmsted caracterizou-se como uma proposta multifuncional, consistindo na criação de uma relação entre as soluções de saneamentos, controle das águas, sistema viário, recreação e conservação ambiental.

“Ao longo de quase 20 anos de trabalho no Colar de Esmeraldas (1878-1896), Olmsted criou retiros especiais – locais para recreação ativa e passiva; espaços verdes e abertos oferecendo alívio e frescor das pressões e tensões da vida cotidiana.”¹¹

O processo se iniciou com uma petição feita por 40 cidadãos, pela necessidade de uma intervenção na cidade de *Boston*; algumas propostas foram apresentadas e se encontram na execução do projeto. Entre elas, tivemos a de H.W.S. Cleveland, o paisagista que propunha um sistema que priorizava a drenagem e o sistema viário, sem a necessidade de novos espaços verdes públicos e a do paisagista Robert Morris Copeland, que sugeriu a criação de bulevares e caminhos com vegetação densa. Assim, Olmsted foi convidado para desenvolver uma proposta para o Beck Bay, que resultou no Colar de Esmeraldas.

O projeto, originalmente denominado de *Emerald Necklace*, foi desenvolvido entre 1878 e 1895 por Olmsted com a colaboração do arquiteto Charles Eliot e é uma parte vital do tecido urbano da cidade de Boston. Inicialmente, a proposta envolvia a criação de uma faixa verde que iria orientar o crescimento da cidade. O projeto executado possui um total de 10 km de extensão e interliga parques novos e existentes por *parkways*¹² e cursos d’água (Bonzi, 2015).

¹⁰ Trecho traduzido do site *The Emerald Necklace Conservancy* com texto original “Stretching from Back Bay to Dorchester, this inviting green space connects people and nature, just as landscape architect Frederick Law Olmsted intended when he designed it more than 100 years ago.”

¹¹ Trecho traduzido do site *The Emerald Necklace Conservancy* com texto original “Throughout almost twenty years of work on the Emerald Necklace (1878-1896), Olmsted created special retreats — places for both active and passive recreation; green and open spaces offering relief and refreshment from the pressures and tensions of everyday life”

¹² Tipologia criada por Olmsted, em 1866, para o projeto do Prospect Park, que se define como uma via larga densamente arborizada, conectada a um parque.

O ponto de partida para o Colar de Esmeraldas foi o *Back Bay Fens*, área que anteriormente era um pântano e um risco à saúde pública. A tentativa de sanear e criar um espaço seguro foram as principais premissas do redesenho; a solução foi projetar o espaço para receber o excedente das chuvas, melhorando o fluxo das águas e prevenindo o risco de enchentes.

“Da City Beautiful Movement, de Daniel Burnham, passando pela “cidade-jardim” de Ebenezer Howard e chegando ao pós-moderno landscape urbanism, o Emerald Necklace é sempre citado para validar a ideia de que a paisagem pode oferecer respostas aos problemas ambientais e sociais que acompanham a industrialização e o crescimento das cidade” (Bonzi, 2015)

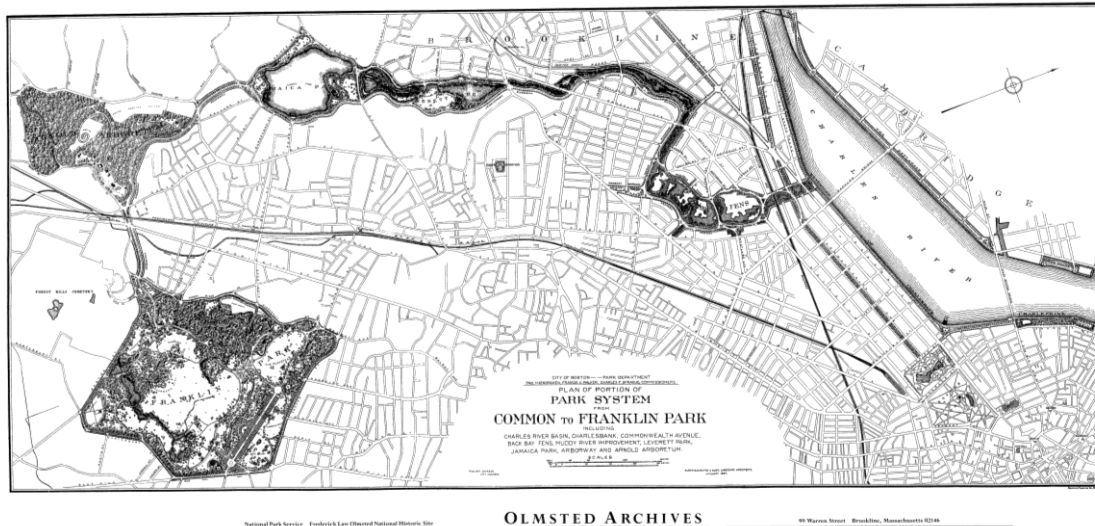


Figura 57: Planta Histórica "Emerald Necklace". Fonte: The Emerald Necklace Conservancy.



Figura 58: Planta "Emerald Necklace". Fonte: The Emerald Necklace Conservancy.

6.2. A Conexão

“Espaços abertos são os ossos da estrutura da cidade, enquanto os edifícios são sua carne e seus músculos.” (Lynch, 1960)

A presença de espaços verdes em áreas urbanas vai além da mera função estética, abrangendo aspectos fundamentais no bem-estar da população e no bom funcionamento do espaço urbano. Estes espaços são considerados os “pulmões verdes” que contribuem para a qualidade do ar e para o equilíbrio ambiental; além disso, desempenham um papel fundamental na estruturação e na configuração física das cidades, proporcionando benefícios ambientais, sociais e estéticos. Segundo Lynch (1960), os espaços verdes fornecem oportunidade para recreação, relaxamento e contato com a natureza, ademais, contribuem para a identidade de uma cidade.

Considerando o desenvolvimento apresentado nesta dissertação, bem como a solução desenvolvida para o Complexo D’Ouro, é possível realizar algumas reflexões sobre a possibilidade de conectar a extensão de áreas verdes que abrangem praças, parques, jardins internos de lotes e áreas públicas ajardinadas, entre outras tipologias. O objetivo primordial é demonstrar a viabilidade de estabelecer conexões que facilitem a interação entre a fauna e a flora dos espaços verdes localizados na delimitação urbana do Porto.

Neste contexto, atesta-se uma ligação evidente, em escala urbana, da mancha verde entre os três casos de estudo mencionados no desenvolvimento da dissertação. Tomando como referência o conceito proposto por Olmsted com o *Emerald Necklace*, pode-se viabilizar a possibilidade de uma ligação, como um corredor ecológico propício à movimentação da fauna e da flora nesta parte da cidade do Porto. Em termos técnicos, essas áreas atuam como elementos integradores do espaço, conectando diferentes partes da cidade e proporcionando a circulação de pessoas, animais e espécies vegetais, fomentando assim a biodiversidade e promovendo o equilíbrio ambiental.

Sob a perspectiva da morfologia urbana (Oliveira, 2016), esta conexão não apenas moldará a configuração física da cidade, mas também integrará os espaços verdes ao ambiente urbano. Isso se traduzirá na criação de áreas de lazer e recreação destinadas à população, fortalecendo os aspectos sociais e ambientais da região em questão.



Figura 59: Casos de Estudo + Projeto V. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.



Figura 60: Conectando Espaços Verdes. Fonte: Acervo Pessoal da Autora

7. Conclusões

A presente dissertação aborda a concepção e o desenvolvimento do Complexo D'Ouro, com maior atenção ao projeto do Parque. Por meio do estudo e da análise utilizando como referência os parques da Cidade e de Serralves, alcançou-se uma solução arquitetônica e paisagística integrada à malha urbana da cidade do Porto.

Além disso, o estudo analisa e propõe a possibilidade da conexão de espaços verdes urbanos, tendo como principal referencial o Colar de Esmeraldas de Olmsted. Pode-se fazer algumas considerações contextualizando a ideia de uma conexão da mancha verde que circunda esses espaços, as praças, os parques, os jardins interiores de lotes, os jardins públicos, entre outros. O resultado proposto foi uma conceituação para conectá-los e garantindo a comunicação entre a fauna e a flora dos espaços verdes presentes.

A análise dos casos de estudo revelou que os espaços verdes desempenham um papel fundamental na qualidade de vida urbana, promovendo não apenas benefícios ambientais, mas também sociais e estéticos. O Parque da Cidade e o Parque de Serralves serviram como exemplos de integração bem-sucedida entre natureza e o urbano, demonstrando a importância de planejar parques que atendam às necessidades da população e que respeitem o ambiente natural, se tornando elemento integrante estruturador de uma cidade.

O Parque do Complexo D'Ouro, ao ser projetado considerando as análises e os conceitos discutidos, propõe um modelo de parque urbano que visa a revitalização de áreas em desuso e a promoção da biodiversidade através da criação de espaços naturais com circulação livre e uso descodificado. A conexão entre diferentes espaços verdes proporcionará uma maior fluidez na circulação de pessoas, fauna e flora, contribuindo para um ambiente urbano mais sustentável e integrado.

Além disso, desempenham um papel crucial na promoção da saúde e do bem-estar da população urbana. São locais onde as pessoas podem se exercitar, relaxar e interagir socialmente, contribuindo para a redução do estresse e melhorando a qualidade de vida. A presença de parques, praças e jardins também está associada a benefícios psicológicos, como o aumento da felicidade e da sensação de pertencimento à comunidade.

Finalmente, a preservação e a expansão dos espaços verdes em uma cidade são fundamentais para o desenvolvimento urbano sustentável. A presente dissertação reafirma a importância de um planejamento paisagístico e da arquitetura integrada no desenvolvimento urbano sustentável. A proposta do Complexo D'Ouro procura a requalificação de um espaço urbano no Porto, a reintegração de uma área degradada na comunidade.

8. Lista de Figuras

- Figura 1: Terreno de Interesse. Fonte: Google Earth
- Figura 2: Casos de Estudo + Projeto V. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 3: Orangery Jardim de Versalhes. Fonte: Versailles Palace-Tickets.
- Figura 4: Jardim de Rousham. Fonte: Galeria Rousham Gardens
- Figura 5: Mapa Mental Teoria do Paisagismo. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 6: Esquema de relação de conceitos paisagísticos
- Figura 7: Linha do Tempo Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 8: Planta Parque da Cidade. Fonte: Câmara do Porto
- Figura 9: Entrada Norte da Circunvalação. Fonte: Acervo pessoal da autora.
- Figura 10: Entrada Norte da Circunvalação. Fonte: Acervo pessoal da autora.
- Figura 11: Entrada Norte da Circunvalação. Fonte: Acervo pessoal da autora.
- Figura 12: Núcleo Rural. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 13: Entrada de Aldoar. Fonte: Acervo pessoal da Autora.
- Figura 14: Diferença de cota à Nascente. Fonte: Entrada das Colunas. Acervo Pessoal da Autora
- Figura 15: Frente Urbana nascente. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 16: Entrada das Colunas. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 17: Croqui Entrada das Colunas. Fonte: Guia para a Manutenção do Parque da Cidade (2021).
- Figura 18: Entrada da Boavista.
- Figura 19: Muro de Contenção e Talude na Av. da Boavista. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 20: Croqui Muro de Contenção e Talude. Fonte: Guia para a Manutenção do Parque da Cidade (2021).
- Figura 21: Paisagem Lago I. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 22: Momentos de Estadia.. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 23: Momentos de Estadia.. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 24: Caminhos do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 25: Caminhos do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 26: Uso do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 27: Uso do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 28: Uso do Parque da Cidade. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 29: Planta Geral dos jardins de Conde de Vizela, de Jacques Gréber (1932). Fonte: Arquivo da Fundação de Serralves
- Figura 30: Linha do Tempo Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 31: Planta Serralves. Fonte: Câmara do Porto.
- Figura 32: Entrada Museu Fundação Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 33: Limites físicos Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 34: Parterre Lartel Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 35: Parterre Central Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 36: Bosque do Lago. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 37: Horta Pedagógica. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 38: Assento Agrícola do Mata-Sete. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 39: Jardim das Aromáticas. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 40: Jardim do Museu de Arte Contemporânea. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 41: TreeTop Walk. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.
- Figura 42: Caminhos por Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 43: Caminhos por Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 44: Caminhos por Serralves. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 45: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 46: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 47: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 48: Uso do Espaço. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 49: Mapa Terreno Projeto V. Fonte: Google Earth

Figura 50: Painel Final Parque do Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo pessoal da Autora.

Figura 51: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 52: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 53: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 54: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 55: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 56: Render Fotorrealista Projeto Complexo D'Ouro. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 57: Planta Histórica "Emerald Necklace". Fonte: The Emerald Necklace Conservancy.

Figura 58: Planta "Emerald Necklace". Fonte: The Emerald Necklace Conservancy.

Figura 59: Casos de Estudo + Projeto V. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Figura 60: Conectando Espaços Verdes. Fonte: Acervo Pessoal da Autora.

Referências Bibliográficas

Almeida, J., Nogueira, P., Ribeiro, R., Oliveira, A., Viegas, S., Almeida, J., & Alves, E. (2013). *Parque de Serralves Paisagem com Vida* (C. Gonçalves, P. Buck, & J. Almeida, Eds.; A. Leitão, Trans.). Empresa Diário Do Porto, Lda. Porto, Portugal

Bonzi, R. S. (2015). Emerald Necklace – Infraestrutura Urbana Projetada Como Paisagem. *Revista LABVERDE*, 9, 106–127. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-2275.v0i9p106-127>

Cunha, R. (2013). *Porto, de Agostinho Rebelo Da Costa Aos Nossos Dias: Bairros Da Cidade - XXXI*. Porto, de Agostinho Rebelo Da Costa Aos Nossos Dias. <https://portoarc.blogspot.com/2013/02/bairros-da-cidade-xxxi.html>

Lynch, K. (1960). *A imagem da cidade*. Martins Fontes.

Neves, P. (2023, April 30). *Histórias da Cidade: Parque de Serralves, um pulmão verde já com 100 anos*. Porto. <https://www.porto.pt/pt/noticia/historias-da-cidade-parque-de-serralves-um-pulmao-verde-que-bate-ha-100-anos>

Niemeyer, C. A. da C. (2019). *Paisagismo no planejamento arquitetônico* (3ª Edição, p. 126). EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG. <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29687/1/PaisagismoPlanejamentoArquitetonico.pdf>

Oliveira, V. (2016) *Urban Morphology. An introduction to the study of the physical form of cities*, Springer, Cham.

Pardal, S. (2006). *Parque da Cidade do Porto - Ideia e Paisagem* (H. Marteleira & B. Marques, Trans.; 2.ª edição). GAPTEC - Gabinete de Apoio da Universidade Técnica de Lisboa. https://www.sidoniopardal.com/_files/ugd/c3df5c_2bf79b629fdf40ddab00c929663099d3.pdf

Pardal, S. (2021). *Guia para a Manutenção do Parque da Cidade*. Câmara Municipal do Porto. https://www.sidoniopardal.com/_files/ugd/c3df5c_e284578ecd884e11a42ee57d8a250d1e.pdf

Parque da Cidade City Park. (2016). In *Porto Digital*. Câmara Municipal do Porto. <https://www.portodigital.pt/wp-content/uploads/2020/05/parquedacidade.pdf>

Pires, H., Mora, T., Azevedo, A., & Bandeira, M. (Eds.). (2014). *Jardins - Jardineiros - Jardinagem* (Vol. 219). <http://www.cecs.uminho.pt/>

Santos, L. (2013). *Parques Urbanos: Uma proposta de atividades de Divulgação Científica para o Parque da Cidade do Porto* [Dissertação]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/70794>

The Emerald Necklace Conservancy | Boston, MA. (n.d.). The Emerald Necklace Conservancy. <https://www.emeraldnecklace.org/>

Travasso, N. (2019). A criação de um sistema contínuo: Parque da Cidade e marginal do Porto. In *O Lugar de Todos. Interpretar o Espaço Público Urbano*. Tigre de Papel.